Como se deu a tomada de Belém pelos cabanos, há 186 anos

Os cabanos tomaram Belém em 7 de janeiro de 1835 e até hoje é possível visitar espaços que testemunharam parte do movimento. Saiba mais sobre essa importante revolta popular

ALFREDO NORFINI / ACERVO MABE

CABANAGEM

Cintia Magno

Enquanto as tropas da então Província do Grão-Pará esperavam alguma investida de revoltosos pelos portos de Belém, foi por duas áreas pouco movimentadas da cidade que os cabanos deram início, em janeiro de 1835, à revolta tida como a mais popular e mais duradoura do período conhecido pela história como o das Revoltas do Período Regencial brasileiro. Imbuídos de um grande sentimento de indignação pelas condições em que viviam, os cabanos tomaram a cidade de Belém no dia 07 de janeiro de 1835, há 186 anos, e até hoje é possível visitar espaços que testemunharam parte dos episódios que compuseram o movimento.

Diante das tensões já existentes desde a época colonial em que os brancos de origem portuguesa normalmente tinham inúmeros privilégios em relação à população negra, indígena e mais pobre, a então Província do Grão-Pará talvez já esperasse uma reação dos revoltosos que viriam a ficar conhecidos como cabanos.

Tendo um dos principais portos de entrada e saída da cidade na área onde hoje se encontram as ruínas do Forte de São Pedro Nolasco, no complexo da Estação das Docas, era por ali, pela frente da cidade, que se esperava a chegada dos cabanos na tentativa de tomar Belém. Para a surpresa de todos, porém, a primeira investida dos revoltosos se deu pelos fundos da cidade.

Sorrateiramente, na madrugada do dia 7 de janeiro de 1835, os cabanos adentraram Belém por dois pontos principais. Um grupo chegou por uma região de difícil acesso e que hoje, completamente modificada, abriga o bairro da Pedreira.

Já o outro grupo aportou pelo então Engenho do Murutucu, cujas ruínas até hoje resistem em uma área com acesso a partir da Estrada da Ceasa. Tinha início o processo de tomada da cidade que manteve os cabanos no poder de janeiro de 1835 até maio de 1836, com um intervalo de apenas três semanas em razão de um acordo diplomático feito com o Império do Brasil, cuja Corte localizava-se no Rio de Janeiro.

FOTO: WAGNER ALMEIDA

FOTO: FERNANDO ARAÚJO

EM IMAGENS ❶e❷ **Os cabanos adentraram** Belém por uma região de difícil acesso e que hoje abriga o bairro da Pedreira e pelo então Engenho do Murutucu, cujas ruínas até hoje resistem ❸ e ❹ **Quadros** retratam o movimento da Cabanagem

ALFREDO NORFINI / ACERVO MABE

ESTOPIM

Professora da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), a pesquisadora Magda Ricci explica que, quando se pensa em curto prazo, dois episódios funcionaram como estopim para a tomada de Belém pelos cabanos. Ainda em 1834 foi empastelado um jornal liberal, chamado Sentinela Maranhense na Guarita do Pará, e que era de propriedade de um grande líder popular da época, o Padre Batista Campos.

Após a sede do periódico ter sido invadida e incendiada, Batista Campos e alguns correligionários fogem para a sede de uma fazenda localizada no Acará que era pertencente a Félix Clemente Malcher, ativo participante do processo de adesão à Independência da Província ainda nos anos 20 e que, mais tarde, viria a se tornar o primeiro Presidente da Província (cargo equivalente ao atual governador) do Governo Cabano.

Porém, em dezembro do mesmo ano, a tal fazenda é tomada e incendiada pelas tropas provinciais, resultando na prisão e transferência de Félix Malcher para Belém e na fuga de Batista Campos. "Essa tomada da fazenda do Malcher foi o estopim da Cabanagem porque não houve, para essa tomada e nem para o empastelamento do jornal do Batista Campos, uma autorização. Tudo ocorreu sem mandado porque os cabanos tinham nas suas mãos boa parte dos juízes, então se o governador fosse pedir, provavelmente não conseguiria autorização", explica a professora. "O período entre outubro e dezembro de 1834 foi decisivo para aumentar o ódio contra o governador e pelo que ele tinha feito de ilegal".

Com os episódios, iniciou-se uma movimentação na região do Acará. Porém, o movimento explodiu realmente em Belém, por ser a capital, a sede da Amazônia na época. "Foi relativamente fácil para os cabanos chegarem na cidade porque ninguém esperava esse movimento pelos fundos. Esperava-se mais que, se acontecesse alguma coisa, aconteceria em algum porto da cidade. Também tinha sido organizada uma defesa pensando que eles não iriam chegar a tanto, que iriam conseguir resolver tudo diplomaticamente. Mas o ódio realmente era grande".

Parte da raiva já sentida pelos cabanos à época acabou alimentada pela morte de seu grande líder, Batista Campos. Ainda em 31 de dezembro de 1834, o cônego morre e, apesar de não ter morrido diretamente pelas mãos das tropas provinciais, sua partida gera uma revolta ainda maior do povo cabano contra o então governador da Província do Grão-Pará, Bernardo Lobo de Sousa. "Batista Campos foge da fazenda do Malcher e, nesse processo de fuga, ele morre. Segundo se conta, ele se cortou, dizem que fazendo a barba e como ele estava em processo de fuga no meio do rio e da mata, o corte infeccionou e ele morreu", explica a pesquisadora. "Um dos motivos para que a Cabanagem explodisse, não tivesse negociação, foi a própria morte do Batista Campos, já que a sua morte obviamente teve a ver com o processo de fuga. Então, o ódio pós-morte do Batista Campos foi muito grande".

Magda Ricci esclarece que Batista Campos era um líder desde os anos 20, durante o período da Independência. À época, Batista Campos chegou a ser colocado em frente à boca de um canhão para ser explodido. O que lhe salvou foi o próprio fato de ser um cônego. "O bispo tirou Batista Campos da boca do canhão porque ele era cônego da Sé e o bispo disse que ninguém iria matar um cônego na sua frente. Aí Batista Campos escapou de ser morto fuzilado", destaca Magda Ricci. "O Pará teve momentos muito críticos que antecederam a Cabanagem".

CONTEXTO

Além da questão da independência, em que a Província do Pará foi a última a aderir à independência do Brasil, logo em seguida 256 pessoas morreram enclausuradas em um brigue, asfixiadas, no episódio que ficou conhecido como Tragédia do Brigue Palhaço. Na ocasião, ocorrida três meses após a adesão do Pará à independência, alguns paraenses que lutavam por direitos iguais aos dos portugueses acabaram confinados no porão do tal brigue, espécie de navio, e acabaram morrendo asfixiados. Doze anos mais tarde, o mesmo sentimento identitário que tomou os revoltosos mortos no episódio do Brigue Palhaço também encorajaria os cabanos a lutar pela tomada de Belém. "Era uma situação muito instável no Brasil inteiro e aqui era mais instável ainda porque a maior parte das pessoas eram pobres e estavam muito angustiadas com as suas situações de vida", contextualiza Magda Ricci.

A historiadora aponta, ainda, que em 1826 o Brasil entrou em bancarrota, todas as contas públicas deixaram de ser pagas, portanto, havia uma crise monetária muito grande, com uma grande circulação de moedas falsas. "Funcionários públicos não estavam recebendo e havia toda uma distinção de pagamento que persistia desde a época colonial em que brancos de origem lusitana normalmente tinham privilégios para receber. Eles recebiam antes, recebiam mais".

> **"O período entre outubro e dezembro de 1834 foi decisivo para aumentar o ódio contra o governador e pelo que ele tinha feito de ilegal"**
>
> **Magda Ricci**, professora e pesquisadora

Situação na então Província do Grão-Pará era ainda mais complicada

Se a situação do Brasil já era complicada, no Pará era pior ainda. Magda aponta que sucessivos governadores chegavam à Província do Pará à época com a ideia de que iriam conseguir resolver os problemas, mas não conseguiam.

A cada vez que a população acreditava que a sua situação iria melhorar, isso não acontecia. "Era uma porção de problemas que foi aumentando cada vez mais o ódio da população mestiça, indígena, escravizada. Em geral, dos mais pobres, os expropriados, que tinham medo e ódio daquela situação que começava a ficar insustentável".

Ainda hoje é possível identificar novos cenários que podem ter contribuído com a explosão do movimento da Cabanagem e com a tomada de Belém.

A historiadora Magda Ricci aponta que hoje se sabe que boa parte dessa população indígena, mestiça, principalmente advinda do interior do Estado, era sustentada por pequenos serviços de transporte de mercadorias, de transporte de produtos para o sertão, mas também pela extração de madeira.

FÁBRICAS

"Existiam no Acará e em Moju, duas fábricas enormes de madeira em que se morria muita gente trabalhando e o Batista Campos tinha conseguido, junto ao Parlamento Nacional, no Rio de Janeiro, no período de 1832 para 1833, que as fábricas de madeira fossem fechadas. Batista Campos foi muito bem quisto entre essa população mais pobre por conta dessa emancipação dos índios, que não teriam mais que trabalhar obrigados nas fábricas de madeira", explica a historiadora, ao relatar que esta é uma questão que vem sendo descoberta recentemente.

"Então, essa população mais pobre sempre vivia à mercê de estar na iminência de ser punida e receber muito mal, muito pouco ou não receber nada. Durante muito tempo eles só recebiam comida e alojamento. Então, quando eles imaginaram que a situação deles iria mudar, tudo piorou e por isso eles resolveram derrubar o poder. Foi uma confusão grande".

Cabanagem teve destaque entre as revoltas

Na medida em que os problemas enfrentados pela população persistiam mesmo após a Independência do Brasil, o cenário de tensões e revoltas se espalhou por diferentes estados brasileiros e em diferentes períodos. No mesmo contexto em que ocorreu o Movimento da Cabanagem, no Pará, ocorreram também a Balaiada no Maranhão, a Sabinada e a Revolta dos Malês na Bahia, a Farroupilha, a Revolução Praieira em Pernambuco, já em 1848.

A professora da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), Magda Ricci, aponta que cada uma delas tinha a sua face, porém, a Cabanagem acabou se destacando. "Acontece que a Cabanagem talvez seja a mais popular, que envolveu o maior número de gente e que perdurou por mais tempo", avalia. "Para se ter uma ideia, tivemos por duas semanas a capa dos principais jornais do Rio de Janeiro falando sobre a Cabanagem porque realmente as coisas aqui foram muito acima de qualquer medida".

Outra característica que destaca o movimento paraense, segundo a historiadora, foi o período em que os revoltosos conseguiram se manter no poder. "Claro que tiveram outros lugares em que tomaram o poder, mas logo depois eram destituídos", aponta. "Os cabanos tomaram o poder em janeiro e ficaram ininterruptamente até junho, quando entregaram o poder diplomaticamente para o emissário que veio do Rio de Janeiro, o Marechal Jorge Rodrigues. Ele ficou governando por três semanas até que novamente os cabanos retomaram o poder e aí ficaram até maio de 1836. Aqui foi mais de um ano no poder e isso, essa durabilidade da tomada do poder, é inédita".

CENÁRIOS

● BAIRRO DA PEDREIRA
Ainda em 07 de janeiro de 1835, a área que hoje compreende o bairro da Pedreira era formada por algumas fazendas, onde se guardavam o gado que chegava a Belém. A área era de difícil acesso e tinha pouco movimento, sendo por isso escolhida pelos cabanos como uma das regiões de acesso para a tomada de Belém.

FOTO: WAGNER ALMEIDA

Bairro da Pedreira

● RUÍNAS DO MURUTUCU
Construído ao longo do século XVIII, o Engenho do Murutucu era considerado um dos melhores e mais bem equipados, onde eram produzidos açúcar e cachaça. No dia da tomada de Belém pelos cabanos, esse foi o segundo ponto de aporte dos revoltosos na capital paraense. Hoje, o engenho encontra-se em ruínas e pode ser acessado a partir da Estrada da Ceasa.

FOTO: FERNANDO ARAUJO

Ruínas do Murutucu

● PALÁCIO DO GOVERNO (ATUAL MUSEU DO ESTADO DO PARÁ)
O Palácio foi cenário de um episódio muito importante da tomada de Belém pelos cabanos. Quando acontece a invasão de Belém, o então governador da Província do Grão-Pará, Bernardo Lobo de Sousa, não estava no Palácio. Isso possibilitou que ele fosse avisado da revolta e ele chegou a se dirigir para sair da cidade, porém, no meio do caminho ele resolve voltar e enfrentar a revolta, decidido de que não seria covarde, segundo conta o Domingos Antônio Raiol. Quando ele volta, consegue passar por entre os cabanos, chegar até o Palácio do Governo e começa a subir as escadas. A historiadora Magda Ricci aponta que é neste momento que Lobo de Sousa é assassinado pelos cabanos. "Ele diz que era o governador para tentar resolver, mas nesse momento alguém diz que ele era só o malhado porque ele tinha uma marca branca no cabelo e isso, para as classes populares, era um sinal ruim, era uma pessoa marcada pelo diabo", conta. "Após isso, dois cabanos o assassinaram, eles eram conhecidos como Domingos Onça e o Mãe da Chuva".

FOTO: WAGNER ALMEIDA

Museu do Estado do Pará

● IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA
Quando os cabanos tomam o Palácio do Governo, o então Comandante de Armas da Província do Pará, o coronel Joaquim Silva Santiago, foge por uma das janelas, saindo pelos fundos do prédio e correndo em direção à Igreja de São João Batista. Lá ele acaba capturado e também é morto pelos cabanos.

FOTO: WAGNER ALMEIDA

Igreja de São João Batista

● IGREJA DAS MERCÊS
Tanto Lobo de Sousa, quanto Joaquim Silva Santiago tiveram os corpos arrastados pelas ruas da cidade por horas. A cena terrível só se encerra quando Félix Malcher, que estava preso até então, é libertado pelos cabanos e, ao chegar na cidade, manda que parem com aquilo. Malcher solicita que os corpos de todos os mortos, que não foram muitos na primeira tomada de Belém, fossem colocados em frente à Igreja das Mercês.

Mais tarde, a Igreja das Mercês também presenciou outro episódio importante do movimento da Cabanagem, sendo o cenário de uma batalha muito difícil que marcou a segunda tomada de Belém pelos cabanos, já em agosto de 1835.

● LARGO DA PÓLVORA (ATUAL PRAÇA DA REPÚBLICA)
Na época da Cabanagem o local onde hoje está localizada a Praça da República era conhecido como Largo da Pólvora, por ser onde se guardava essa munição. Durante a tomada de Belém, os cabanos tiraram tudo que tinha no Largo da Pólvora e levaram para o prédio dos Mercedários, ao lado da Alfândega. Ali foi depositado tudo o que eles tinham de munição.

● RUÍNAS DO FORTE DE SÃO PEDRO NOLASCO
Na área onde hoje se encontram as ruínas do Forte São Pedro Nolasco, transformada em anfiteatro para compor o complexo da Estação das Docas, funcionava um dos principais portos da cidade de Belém na época da Cabanagem.

A área era conhecida como Largo do Pelourinho, onde se enforcavam as pessoas na época, e que ficava em frente ao prédio da Alfândega. No porto podiam atracar tanto navios grandes, quanto pequenas canoas. Era de onde se esperava que os cabanos iriam tomar a cidade, já que ali era a frente da cidade, porém, isso não aconteceu. Os cabanos invadiram Belém pelos fundos.

Fonte: Magda Ricci - professora da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará (UFPA).

FOTO: MAURO ÂNGELO

Praça da República

FOTO: FERNANDO ARAÚJO

Ruínas do Forte de São Pedro Nolasco

FOTO: WAGNER SANTANA

Igreja das Mercês